

denominação
Fazenda do Pocinho

código
AII - FO3 - Vass

localização
Rodovia RJ 137, km 06, distrito-sede, Ipiranga, as margens do ribeirão do Pocinho, divisa com o município de Barra do Pirai.

município
Vassouras

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
abandonado / fazenda de café

proteção existente / proposta
tombamento estadual - provisório, 1978 e definitivo, 1987

proprietário
particular



situação e ambiência

A fazenda do Pocinho, hoje transformada em ruínas, está situada às margens do rio Paraíba do Sul, a meio caminho entre as cidades de Barra do Pirai e Vassouras. Suas terras são cortadas pela rodovia estadual RJ-137, que lhe dá acesso, conhecida como estrada Ipiranga, nome do bairro onde se localiza. Em quase toda a sua extensão, a estrada de terra batida encontra-se em condições precárias de tráfego. Um ramal da estrada de ferro da RFFSA passa aos fundos do que restou das edificações do antigo conjunto, acompanhando o percurso do rio, sendo que do outro lado do seu leito segue paralela a rodovia BR-393. Apesar de mais próxima ao centro da cidade de Barra do Pirai, Pocinho pertence ao município de Vassouras. A área edificada tem como um de seus limites laterais o ribeirão do Pocinho que deságua, logo adiante, no Paraíba. A paisagem no seu entorno encontra-se bastante degradada e reflete a decadência do sistema agro-industrial na região e, conseqüentemente, das terras que outrora tanto contribuíram para a produção de riquezas no Brasil - Império.



coordenador / data
equipe
histórico

Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - jan 2008
Daniel Soares Braz e Ícaro Cardoso Cerqueira
Adriano Novaes

revisão / data
Dina Lerner - mai 2008

As imagens captadas do Google Earth retratam com exatidão a ambiência do sítio natural e o que restou das edificações do antigo conjunto arquitetônico composto por engenho, tulha, casa-sede, senzalas, terreiros e edificações de apoio, que até recentemente resistiram ao abandono e às intempéries.

Aos poucos, a ocupação urbana vem transformando o ambiente rural. A proteção do sítio, como um todo, encontra-se ameaçada hoje, não apenas pelo desinteresse dos atuais proprietários e ações cometidas contra a sua preservação e tombamento – que contribuíram efetivamente para o arruinamento – mas também por projetos de alargamento da antiga estrada, cujo leito ainda passa sob a estrutura do antigo aqueduto, colocando em risco um dos poucos elementos que marcam de forma despretensiosa, como referência histórica, aquela paisagem.



Arquivo Central do IPHAN, foto Hess, década de 1950



Imagem de 2007, panorâmica do sítio natural onde se localizam os remanescentes das edificações da fazenda, após as demolições de 2006.

A Fazenda Pocinho foi tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural há aproximadamente 30 anos, a pedido dos seus proprietários de então, herdeiros e descendentes do Barão de Guaraciaba, preocupados com o seu destino e determinados a tê-la reconhecida como patrimônio histórico e cultural fluminense. Na ocasião, conforme consta da documentação dos arquivos do INEPAC, o conjunto apresentava problemas naturais de manutenção, mas encontrava-se íntegro, resistindo às mudanças e demais impactos causados pelo contínuo esvaziamento econômico do Vale, após a crise do café.

Como conhecedora da história local, melhor análise tipológica não poderia ser feita senão pela arquiteta e especialista Isabel Rocha Ferreira, que vem dedicando-se ao estudo das fazendas da região desde o final da década de 70. Do relatório redigido em 2002, a pedido do INEPAC, anteriormente ao trágico incêndio ocorrido no local, em 2003, e a atual situação de arruinamento, extraímos:

“O seu terreiro de café, forma muito claramente o quadrilátero funcional descrito por Stanley Stein como modelo adotado pela arquitetura rural das fazendas de café no Vale do Paraíba. Em torno dele ficariam os engenhos, as tulhas, a casa-grande, as senzalas e os serviços necessários para o funcionamento da unidade agro-industrial. Curiosamente, sua casa grande não foi construída, tendo sido adaptada uma ala da senzala para moradia. As demais edificações citadas foram concluídas, destacando-se o engenho de café, com seus três andares em madeira, dentro de uma elegante construção clássica, que se destaca do conjunto por sua altura”

“Ladeavam o engenho de café, à direita o terreiro – em direção à moradia –, os depósitos e tulhas, à sua esquerda, os engenhos de grãos e farinhas (além da desnatadeira), cujos maquinários sobreviveram até passado recente. Na ala maior do terreiro ficava a moradia, simples e rústica, lembrando a não construção da casa grande que ficaria no espaço reservado do outro lado do terreiro e fronteiro ao engenho de café e ao rio Paraíba do Sul. Comprova isto o embasamento existente neste trecho, mais alto que o terreiro e com vista privilegiada para o citado rio e para a estrada de ferro (Central do Brasil) que passa muito próxima às construções”.

“Do outro lado da moradia, as senzalas, originais, sem terem sofrido as modificações típicas ocorridas com a abolição da escravidão, compunham-se de quartos retangulares, com as portas de acesso voltadas para a varanda que contornava o terreiro. O acesso principal era feito por portão de ferro, sustentado por duas colunas de pedra, que se abria na varanda no exato ponto de encontro entre o engenho e a senzala”



Fonte: Núcleo de documentação Histórica do Curso de Arquitetura e Urbanismo de Volta Redonda / Centro Universitário Geraldo di Biase



Fonte: Arquivo Central do IPHAN, fotos: Hess

Vista do conjunto a partir dos fundos das edificações de poio



Uma visão do conjunto na chegada à Fazenda do Pocinho



Aqueduto sobre a estrada de terra



Vistas internas do terreiro de secagem de café e do avarandado

A importância da fazenda Pocinho, do ponto de vista histórico, cultural e arquitetônico fez com que integrasse, em 1976, o Inventário dos Bens de Interesse da Arquitetura Rural realizado na ocasião – cuja documentação se encontra disponível nos arquivos do INEPAC – e que, a partir de então, a mesma continuasse a ser objeto de estudos comparativos e inclusão em dissertações de mestrado (*):

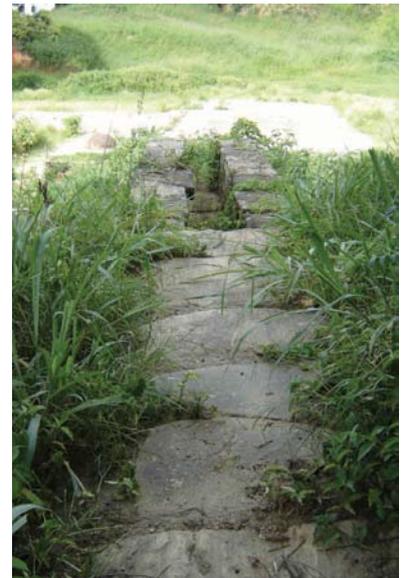
“A Fazenda do Pocinho é cortada, até hoje, pela mesma estrada de rodagem que atravessa suas terras, separando o quadrilátero da área de criação de gado e da cadeia, ou seja, das construções que se situam fora do terreno”... “Tal como em Santana, Pocinho tem uma cadeia, toda em pedra, que se situa atrás da cavaliçada, no plano frontal inferior da fotografia. À direita o muro de proteção do pomar, paralelo à estrada”... “A construção que sobressai no quadrilátero é o antigo engenho, que ocupava três pavimentos e ainda guarda as marcas do telheiro que protegia a roda d’água.” (Isabel Rocha, 2007 p. 101)

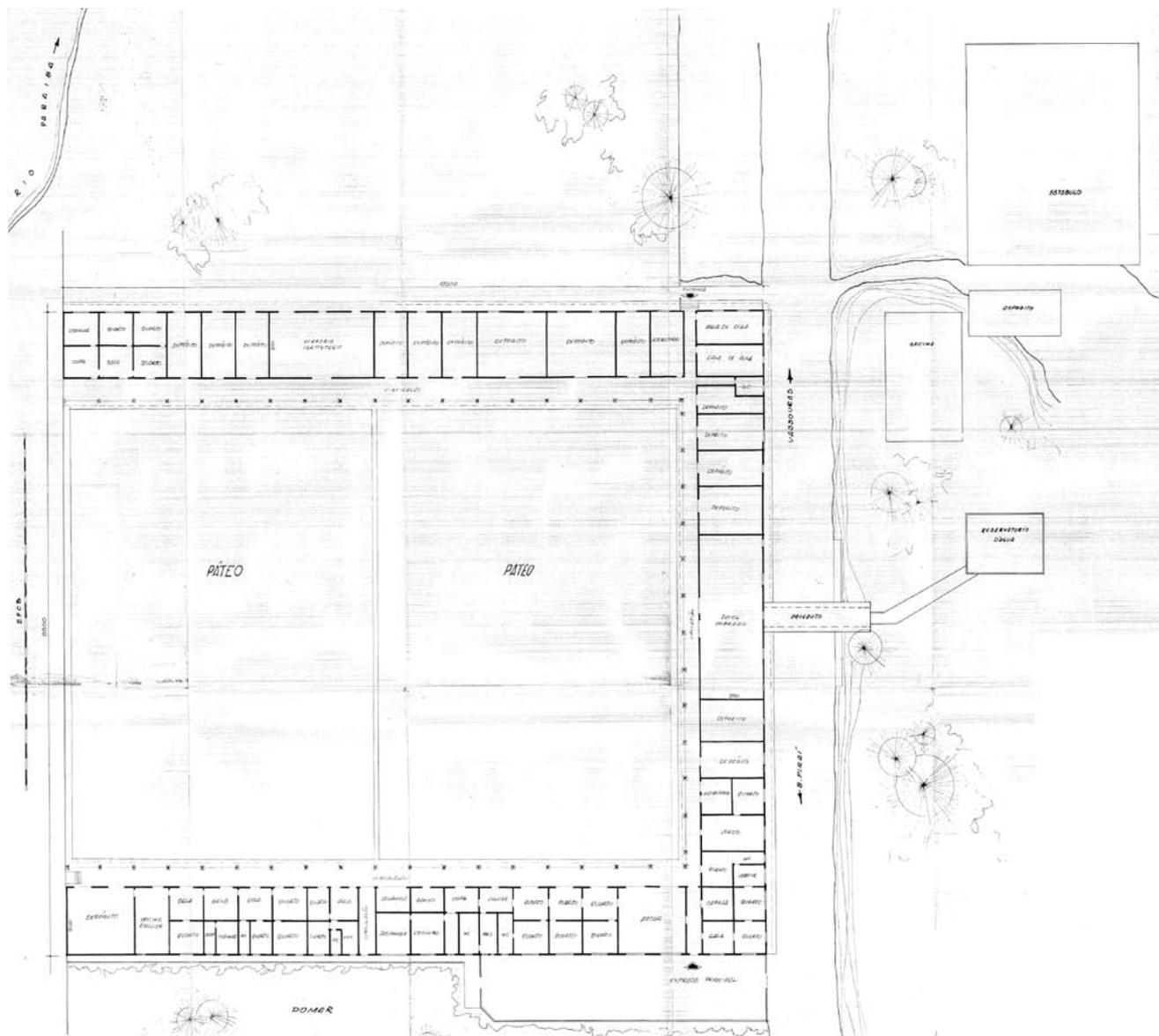
No entanto, hoje, o que se tem no local são ruínas. Esta realidade se impõe como desafio aos especialistas, tendo em vista a qualidade do material gráfico e iconográfico produzido sobre o monumento tombado como patrimônio fluminense. É necessário pensar e discutir, anteriormente a qualquer decisão, quanto às alternativas de intervenção – técnicas, conceituais e econômicas – que permitam, de alguma forma, reverter esse quadro de desolação em que se encontra o sítio histórico.

Observa-se que muitos são os vestígios materiais que sobreviveram ao tempo e às recentes intervenções desfiguradoras – pisos, alicerces, trechos de alvenarias, embasamentos de pedra, paredes inteiras, pilares, caminhos, canaletas, além do aqueduto com seus belos arcos – que estão a espera de um destino mais digno.

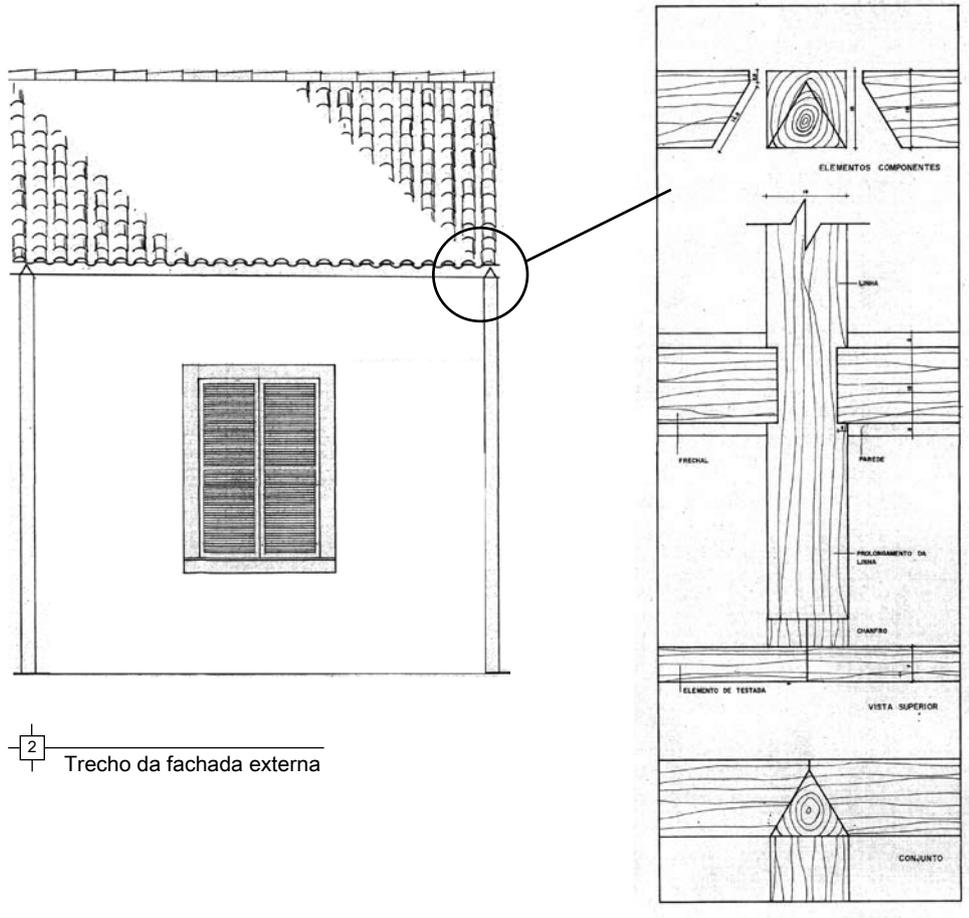
(*) Rocha, Isabel. *Implantação e distribuição espacial e funcional da agroindústria fluminense, arquitetura do café – 1840-1860*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – PROARQ / Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro, 2007





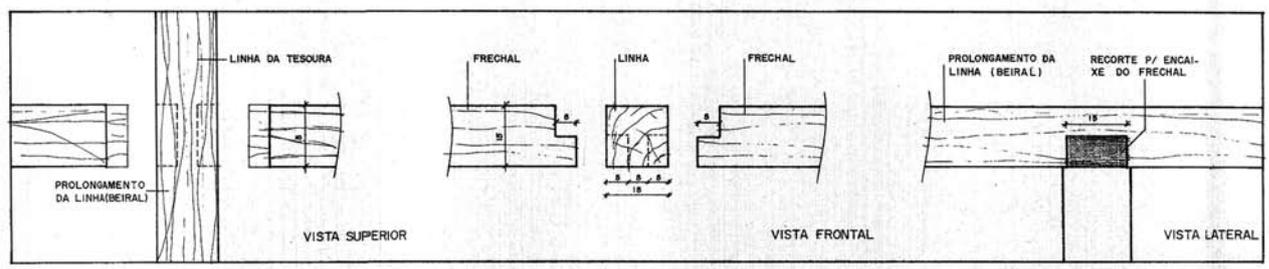


1 FAZENDA DO POCINHO
Levantamento expedito



2 Trecho da fachada externa

3 Detalhe de elemento de fachada



1 **FAZENDA DO POCINHO**
 Detalhes do encaixe entre frechal e linha da tesoura

...“Nesta etapa do encontro, D. Helena repetiu-nos a vontade da família, aprovada por todos, de que a fazenda viesse a ser tombada o mais rápido possível. Aspiravam todos que, aquele patrimônio, que reunia a reminiscências mais felizes da família há quase um século, por cinco gerações, desde o Barão de Guaraciaba – Francisco Paulo de Almeida –, continuasse, pelos anos vindouros, preservado.”...

...“Em sua longa história, duas atividades produtivas a tem caracterizado – a plantação agressiva de café, após a descontrolada derrubada da capa vegetal nativa, e a criação de gado, em capineiras cultivadas em terras imoladas pelo fogo e sangradas pela erosão. O trajeto do micro-universo do Pocinho é repetição dolorosa da conhecida história do Vale”...

Trecho do parecer favorável ao tombamento estadual elaborado pelo representante do IHGB no Conselho Estadual de Tombamento, Professor Marcello Moreira de Ipanema

A Fazenda do Pocinho teve origem em terras da Sesmaria do Ypiranga, ocupada e posteriormente concedida a Joaquim José Pereira de Faro, primeiro Barão do Rio Bonito. A Sesmaria do Ypiranga integrava a grandiosa Fazenda de Santa Cruz dos padres Jesuítas, confiscada pela Coroa Portuguesa ainda no século XVIII. Localizada na foz do ribeirão do Pocinho, margem direita do rio Paraíba do Sul, a Fazenda do Pocinho começou a ser formada na década de 1820, sendo que, em 1831, foi feita a planta pelo engenheiro César Cordolino, onde consta a sede já construída.

Com a morte do primeiro Barão do Rio Bonito, a fazenda foi herdada pelo filho, Vereador e Comendador Camilo José Pereira de Faro. Anexos a esta fazenda estavam os sítios São Paulo, Fonte das Mangueiras e do Lomba. Com a morte de Camilo, em 2 de junho de 1861, os herdeiros resolveram vendê-la ao primo, José Pereira de Faro, o terceiro Barão do Rio Bonito, através da firma Faro & Filhos. Em 18 de janeiro de 1875, foi vendida novamente para Joaquim Gonçalves de Moraes que, logo no início, hipotecou a fazenda ao Banco do Brasil. Anna Farani de Moraes, esposa de Joaquim Gonçalves de Moraes, faleceu em 1878 em Santa Cruz dos Mendes. Além de Pocinho, que possuía 151 alqueires de terra, o casal possuía a Fazenda Barra do Piraí, com 64 alqueires de terra, e a Ibicabas com 225 alqueires, onde plantaram 1.155.000 pés de café. A Fazenda Barra do Piraí foi herança de seu pai, o capitão “Mata Gente”.

Em 1881, o Banco do Brasil tomou posse das fazendas e de todos os acessórios e pertences. Porém, como os herdeiros eram menores, neste caso, o Banco permitiu que Moraes e seus filhos usufruíssem dos serviços de seis escravos, podendo usar cereais e mantimentos que as fazendas produzissem até que atingissem a maioridade.

O Comendador Domingos Farani, em 22 de maio de 1891, adquiriu a fazenda, negociando-a com Francisco Paulo de Almeida, o Barão de Guaraciaba, em 14 de janeiro de 1897. Com a morte deste, em 9 de fevereiro de 1901, a fazenda foi deixada para suas filhas Matilde e Adelina. Um dos filhos de Matilde, Carlos de Almeida e Souza, administrou a fazenda durante vários anos. Seus filhos a venderam em 31 de agosto de 1989, para um grupo empresarial, com promessa de que ali seria construído um hotel-fazenda.

Por motivos diversos, a empreitada não foi adiante, e a propriedade foi vendida a Carlos César Matoso Furtado e irmão. Encontra-se em curso uma Ação Civil Pública, movida pelo Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, para apurar responsabilidades quanto à negligência e danos causados à Fazenda do Pocinho.



Arquivo central do IPHAN, HESS



Arquivo central do IPHAN, HESS



Arquivo central do IPHAN, HESS